

O Barreiro e a República

Contributo para a rota da República no Barreiro

António Nunes Camarão – Sector do Património e Museus – CMB

Barreiro – A Revolução anunciada

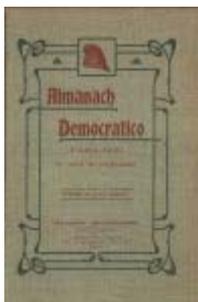
Já no final do século XIX o Barreiro se apresentava como uma amálgama de classes e profissões, mas na primeira década do século seguinte a localidade que começava a assumir posição de relevo no panorama nacional pela concentração de classe operária. A par da instalada burguesia comercial, dos pescadores e agricultores, surgiram os ferroviários, os corticeiros e por último uma mescla de operários e trabalhadores que se apresentavam para fazer crescer a recém chegada *Companhia União Fabril*.

Junto de toda esta massa operária, de orientações políticas diversas, desde cedo que os ideais republicanos tiveram forte implantação. A par dos anarquistas e socialistas, que também eram adversos ao regime monárquico vigente, havendo já na terra centros socialistas, dos quais se destaca o 3º Centro fundado e orientado por Ladislau Batalha, não é de estranhar que esse ideário republicano tenha começado a fazer eco, nomeadamente no que toca à importância dada à cultura que, dentro das associações de classe ou nas florescentes Sociedades Recreativas, adquiria crescente promoção. É nessa linha que se insere o aparecimento dos Centros Republicanos que constituem aqui, como em todo o país, um marco fundamental para a construção e consolidação de consciências que serviriam de plataforma para a mudança, orientada na urgência da troca de Regime. Justificava-se portanto a criação do *Centro Escolar Republicano Dr. Estêvão de Vasconcelos*, fundado em 1908 e a funcionar na Praça de Santa Cruz nas antigas instalações dos Paços

do Concelho que entretanto se havia mudado para o novo edifício na rua Albers.

Desde Julho de 1906 que estava instalada no Barreiro a Loja Maçónica *Esperança no Provir*, criada por iniciativa do republicano e maçom António Augusto Louro, farmacêutico radicado no Seixal que tinha por lema pessoal “*Sem liberdade não há Democracia, sem Instrução não há Liberdade*”. Tal como no Seixal, onde António Augusto Louro criou a primeira escola gratuita para a educação de adultos e promoveu a Comissão Escolar de Beneficência e Ensino do Seixal cuja acção em matéria de ensino era complementar à realizada pelo Centro Republicano do Seixal também a seria natural que a Loja *Esperança no Provir* viesse a colaborar com o Centro Escolar Republicano Dr. Estêvão de Vasconcelos, dando consistência ao ideal partilhado por republicanos e maçons de que um operário instruído e culto seria um eleitor consciente.

A Carbonária também tinha forte expressão no Barreiro. Dela existiam núcleos em plena actividade em toda a margem Sul do Tejo, nomeadamente em Palmela, na Moita, em Almada, Cacilhas, Aldeia Galega e Alcochete. Mas esta força operacional e revolucionária, verdadeiros homens de mão, combinavam um misto entre o ideal republicano e maçónico, servindo de força infiltrada cujo lugar de oportunidade eram os Centros Republicanos onde, durante todo o ano de 1909 fervilhou a agitação política.



Já em 1908 os republicanos haviam publicado no *Almanaque Democrático* uma lista de 77 comissões municipais onde aparece para o Barreiro, o nome de Manuel Marques de Oliveira como Presidente. Após o Congresso Republicano de Setúbal (23/25 Abril de 1909) o discurso republicano endurece com a decisão de “*Revolução*

em vez da Evolução”, e começa uma campanha exaustiva e fervorosa na qual o Barreiro foi palco por variadas vezes.

Em Maio de 1909, com o intuito de discursar aos corticeiros, os republicanos vieram ao Barreiro, no dia 15 de Novembro de 1909 e numa série de conferências promovidas pelo *Centro Democrático Académico de Lisboa* teve lugar uma no Barreiro em que Trinas Júnior foi o orador. Em 27 de Novembro de 1909 no Barreiro, realizou-se um comício promovido pelo *Grémio Mocidade Liberal*, em colaboração com o *Centro de Estudos Republicanos Dr. Estêvão de Vasconcelos*. A 13 de Dezembro desse ano, também no referido *Centro Escolar Republicano Dr. Estêvão de Vasconcelos* tem lugar um comício que conta com a presença de Cupertino Ribeiro, membro do Directório, e de António José de Almeida membro do Comité Civil, além de outros vultos do Partido Republicano.

Cupertino Ribeiro, como foi noticiado no jornal *O Século* de 13 de Dezembro de 1909, afirmaria então que “*A obra da democracia tem de ser grande, porque o País está quase todo por inteiro por desbravar.*”, evocando a necessidade geral de mudança proposta pelos republicanos dando ênfase á necessidade de acabar a todo o custo com o esquecimento a que fora levada a instrução e a educação do povo. António José de Almeida por seu lado seria incisivo ao dizer “*A revolução salvará o País, e da hecatombe que ela produzir apenas sairá um cadáver – o do regime.*”. Em 1910 e apesar de existirem eventos anteriores nesse ano, os republicanos iniciaram a fase de propaganda activa a partir de 7 de Agosto, voltando em força para um comício no Lavradio. Em Setembro eclode um movimento grevista em torno da classe corticeira e à qual os operários da *C.U.F.* em solidariedade se juntaram numa paralisação.

Tornava-se claro que a Revolução estava em marcha e os barreirenses viriam a fazer parte do plano como operacionais, num

enredo que juntará Republicanos, Maçons e Carbonários, sendo estes últimos os verdadeiros operacionais, segundo o plano de Machado dos Santos. A organização da margem sul seria então atribuída ao Dr. Ernesto Carneiro Franco, republicano e carbonário de Aldeia Galega. Este deveria coordenar os movimentos dos revolucionários desde as 23 horas de dia 3 nos diversos Concelhos e também as diligências a fazer junto da *Escola Prática de Torpedos e Electricidade de Vale de Zebro*. Ainda nessa noite e antes da hora combinada teria havido uma reunião no Barreiro para ajustar os últimos detalhes.

Endereço telegrafico MUNDO, Lisboa ASSIGNATURAS

O MUNDO

Numero telefonico 1478 COMUNICADOS E ANUNCIOS

Director e proprietario—França Borges

Rua de S. Pedro, 95 a 103 LISBOA

A REVOLUÇÃO EM LISBOA

Pela Republica — Hora decisiva Portugal a caminho da República?

UMA TRAGEDIA DOLOROSA O assassinio do dr. Miguel Bombarda

Uma hora de mais de manhã... Lisboa estava em silêncio... O assassinio do dr. Miguel Bombarda...

Uma hora de mais de manhã... A hora de mais de manhã... O assassinio do dr. Miguel Bombarda...



Uma hora de mais de manhã... O assassinio do dr. Miguel Bombarda... Detalhes do crime...

Uma hora de mais de manhã... O assassinio do dr. Miguel Bombarda... Reações da população...

Uma hora de mais de manhã... O assassinio do dr. Miguel Bombarda... Análise política...

Uma hora de mais de manhã... O assassinio do dr. Miguel Bombarda... Conclusões...

Uma hora de mais de manhã... O assassinio do dr. Miguel Bombarda... Epílogo...

Os do Quelhas vão para a rua

Os do Quelhas vão para a rua... Notícias locais sobre a situação política...

VIDA OPERARIA "O Mundo"

VIDA OPERARIA "O Mundo"... Artigos sobre condições de trabalho e direitos operários.

Uma alma de mulher

Uma alma de mulher... Contos e crônicas sobre a vida feminina.

Uma alma de mulher

Uma alma de mulher... Continuação de contos e crônicas.

Espanha Nueva

Espanha Nueva... Notícias sobre a situação política e social em Espanha.

A partilha de Hermetes da Fonseca

A partilha de Hermetes da Fonseca... Notícias sobre a sucessão de Hermetes da Fonseca.

Um deus de São João não se cansa

Um deus de São João não se cansa... Crônicas e artigos sobre festas populares.

Para os nossos países

Para os nossos países... Artigos de opinião sobre a situação dos países lusófonos.

Como deixou escrito Machado dos Santos “*os republicanos do Barreiro deviam apoderar-se do vapor da carreira, cortar as comunicações com Lisboa e vigiar a beira-mar*”, outros deveriam encontrar-se na praia Norte para fazer fogo e assinalar para os cruzadores insurrectos, que na localidade a operação decorria com normalidade.

A operação foi bem sucedida os barcos de passageiros D. Amélia e D. Afonso foram sabotados nas primeiras horas de dia 4, só fica de serviço o rebocador Vitória. Simultaneamente são interrompidas as ligações telegráficas e ferroviárias com a capital, ao mesmo tempo que os Paços do Concelho são ocupados e a Junta Revolucionária é apresentada, sendo nomeado o professor Ricardo Rosa y Alberty como Administrador. No entanto a adesão de Vale de Zebro onde estavam cerca de duas mil armas e cem mil munições, foi mais complicada, o comandante da unidade, Almeida Lima, recusava aderir apesar das insistências dos populares armados que para ali se tinham dirigido, vindos até de Aldeia Galega, e do exposto pelo 1º tenente João Fiel Stockler, também ele carbonário, e que agia como emissário das forças revolucionárias, auxiliado pelo cabo torpedeiro Carlos dos Reis Cadete e pelo segundo artífice torpedeiro electricista Carlos Freitas, por certo membros da “choça” que existia dentro da unidade. A adesão só veio a acontecer depois de José Luís Costa e João dos Santos Pimenta da Junta Revolucionária do Barreiro conseguirem fazer atracar o rebocador Vitória ao cruzador revoltoso, S. Rafael, de onde veio reforçado com uma força militar que devia dirigir-se para a Escola de Torpedos, e de a partir do S. Rafael seguir pela telegrafia a ordem para Vale do Zebro: “Queiram render-se e proclamar a República”. Perante esta ordem a unidade militar submetesse aos revolucionários, o tenente Frederico Pinheiro Chagas que dera a cara pela manutenção do regime falhara e suicida-se. Resolvido o impasse em Vale de

Zebro os tenentes Stockler e Santos Pato conduzem para junto dos cruzadores *Adamastor* e *S. Rafael*, no Tejo, os torpedeiros de que assumiram o comando.

A Revolução está na rua no Barreiro.



No Barreiro os acontecimentos que se iniciam no termo da noite de dia 3 de Outubro e decorrem durante o dia seguinte são testemunhados por Ladislau Batalha, socialista de convicção e redactor do jornal quinzenal *Ávante* que desde Dezembro de 1909 se publicava no Barreiro.

Pela uma hora e meia da noite já vai havendo grande reboição. Pelas três horas vão-me acordar em sobressalto, prevenindo-me de que alguma coisa anormal se estava passando [...]

Sem surpresa fui-me vestindo, enquanto o sino de Santa Cruz vertiginosamente tocava a rebate.

Passam grandes turbas de povo amotinado, desfraldando a bandeira bicolor da república. Os vivas de entusiasmo entoam os ares.

Conhece-se que investem com os Paços do Concelho. Ouço bater repetidas vezes e com frenesim ao portão. O guarda do edificio hesita em abrir. Entretanto a multidão consegue escalar a varanda do edificio.

Oiço o destroçar de vidraças, ao mesmo tempo que o portão se abre, e a turba entra nos Paços do Concelho, por entre aclamações à República Portuguesa.

Da minha janela vejo que se hasteia no alto do edificio a bandeira encarnada e verde que todos salvam com vivas entusiásticos.

É dia. A repartição da Fazenda e Administração, instaladas nos Paços do Concelho conservara as suas portas encerradas.

Estão interrompidos os serviços públicos.

Aqui viera alguém da Aldeia Galega na véspera e reunira clandestinamente com os revoltosos para as bandas do cemitério novo.

De madrugada por isso, e em virtude do prévio, foi aclamada da rua por todo o povo uma junta que da janela dos Paços haviam indicado. Tendo-se deliberado que o professor Alberty ficasse como Administrador, foi nomeado para a Junta o sr. João dos Santos Pimenta. [...]

São levantados os rails do Caminho-de-ferro e cortadas as ligações telegráficas ficando assim interrompidas as comunicações. [...]

Tocaram as buzinas das fábricas a chamar os seus operários, mas ninguém compareceu. Nos fabricos de cortiça também não se trabalhou.

Deste relato e de outras leituras, ressaltam factos que deixam perceber que o momento era esperado, que para ele existia um plano no qual o Barreiro teve um papel importante: Os movimentos foram ultimados numa reunião clandestina no início da noite de dia 3; Na madrugada de quatro perante as movimentações tumultuosas, Ladislau Batalha reage sem surpresa; Quando os insurrectos chegam junto dos Paços do Concelho, alguém possui uma bandeira Republicana pronta para ser hasteada; A Junta Revolucionária estava definida com antecedência.



A Junta era composta pelos republicanos: José Tavares Veloso (Comerciante), Joaquim Lopes Ferreira (Comerciante), José Luís da Costa (farmacêutico), Caetano Francisco da Silva (Ferroviário), José Bento Esteves (empregado de escritório), Ricardo Rosa y Alberty (professor primário) e João dos Santos Pimenta (Empregado de escritório CFSS). Dos enumerados

sete membros de que era formada, quatro haviam sido fundadores da Loja “*Esperança no Porvir*”.



Na vila operária pelas 12 horas e 30 minutos o povo ouvia *Ricardo y Albery* e *João dos Santos Pimenta*, membros da Junta Revolucionária. A República foi proclamada e o Barreiro esteve na vanguarda da Revolução.

Manuel Marques de Oliveira, o nome anunciado pelos republicanos quando em 1908 publicaram no *Almanaque Democrático* uma lista de 77 comissões municipais, veio a ser de facto o Presidente da Câmara Municipal do Barreiro em 1910.